

O falecido Moisés no Monte da Transfiguração

*Uma prova bíblica em favor da sobrevivência consciente da alma ante a morte do corpo*¹

por

Paulo Sérgio de Araújo

INTRODUÇÃO

Além da aparição do falecido profeta Samuel ao rei Saul em En-Dor (1Sm 28), acontecimento este que se constitui numa das provas bíblicas do Antigo Testamento (AT) mais incontestáveis em favor da imortalidade da alma, há outra ocasião na qual Deus retirou um espírito do Sheol e o fez conversar com uma pessoa aqui no mundo dos vivos: o incidente do Monte da Transfiguração. Conforme registrado nos três primeiros evangelhos (Mt 17.1-9; Mc 9.1-9; Lc 9.28-36), certa vez Jesus levou consigo três de Seus apóstolos (Pedro, Tiago e João) a um monte para orar. Num dado momento, é dito que Jesus “transfigurou-se diante deles; seu rosto resplandecia como o sol, e suas vestes tornaram-se brancas como a luz. E eis que lhes *apareceram* Moisés e Elias, falando com ele” (Mt 17.2, 3).

Como é sabido, o profeta Elias não passou pela morte física, mas foi arrebatado por Deus aos céus (2Rs 2.1, 5, 11, 12). Moisés, porém, morreu (Dt 34.5-8). Logo, como que este, mais de mil anos após sua morte, ainda pôde aparecer no Monte da Transfiguração e conversar com Jesus? A única resposta é que Deus, soberana e milagrosamente, retirou o espírito de Moisés do Sheol e fê-lo estar com o Filho de Deus por alguns momentos. Tal aparição, portanto, eleva o incidente do Monte da Transfiguração à categoria das provas bíblicas mais incisivas em prol da idéia da sobrevivência consciente da alma diante da morte do corpo.

¹ Todas as citações bíblicas deste estudo foram extraídas da Bíblia *Almeida Corrigida e Revisada* (1994), traduzida por João Ferreira de Almeida, e publicada pela Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Neste estudo, ao mesmo tempo em que analisamos esse relato, também contestamos dois pontos de vista alternativos à interpretação que a Igreja tradicionalmente tem dado a essa passagem bíblica. Conforme o primeiro ponto de vista, tudo aquilo que aconteceu no Monte da Transfiguração não teria passado de uma “visão” dos discípulos de Jesus, e não uma aparição literal do espírito de Moisés. De acordo com o segundo, teria sido o corpo ressurreto de Moisés que teria aparecido naquele monte, e não algum aspecto imaterial e imortal de sua composição. Ao longo deste estudo, defenderemos a posição de que foi o espírito de Moisés que apareceu, literalmente, no Monte da Transfiguração.

ANÁLISE DO RELATO DO MONTE DA TRANSFIGURAÇÃO

A aparição de Moisés teria sido uma “visão”?

Temendo apoiar a idéia espírita da comunicação entre vivos e mortos, alguns cristãos genuínos, que acreditam na imortalidade da alma, alegam que os discípulos de Jesus viram o falecido Moisés por meio de uma “visão extática”, uma espécie de arrebatamento de sentidos.² E, por conta disso, essa experiência mística teria dispensado o comparecimento real, literal do espírito de Moisés no Monte da Transfiguração. Tal forma de pensar apóia-se numa *única* palavra— fora de seu contexto e que desconsidera os outros dois relatos paralelos desse incidente—que Jesus disse aos Seus discípulos: “E, descendo eles do monte, ordenou-lhes Jesus: A ninguém conteis a *visão*, até que o Filho do Homem ressuscite dentre os mortos” (Mt 17.9). E é em cima dessa única palavrinha do texto, portanto, que repousa todo o argumento que rejeita a literalidade da aparição de Moisés.

Porém, o uso da palavra “visão”, nesse versículo, de forma alguma indica que aqueles eventos só puderam ser vistos pelos “olhos espirituais” dos discípulos, como se Deus tivesse realizado alguma obra sobrenatural *neles*, a fim de capacitá-los a enxergar coisas que eles não conseguiriam enxergar naturalmente, com os olhos físicos. Para comprovar isso, nos parágrafos seguintes trabalharemos a seguinte questão: “A palavra ‘visão’, em Mateus 17.9, refere-se a uma *experiência extática* dos discípulos, por meio da qual eles conseguiram ver Moisés e Elias? Ou seja, essa visão não teria exigido a presença literal de Moisés e Elias no Monte da Transfiguração? Ou a palavra ‘visão’ nesse versículo refere-se a *acontecimentos literais* que os discípulos *viram literalmente*, com os olhos naturais?”. Comprovando-se que Jesus usou “visão” com esse

² Segundo os proponentes dessa idéia, os discípulos de Jesus teriam visto Moisés e Elias por meio de uma visão do mesmo tipo das que Jacó (Gn 28.12-17), Pedro (At 10.10-17), Paulo (2Co 12.1-4) e outros personagens bíblicos tiveram.

último sentido, então é óbvio que tudo aquilo que aconteceu no Monte da Transfiguração foi literal, inclusive a aparição do espírito do falecido Moisés.

Em primeiro lugar, a *maneira natural* como esse incidente é narrado por Mateus, Marcos e Lucas só se harmoniza com a idéia de que tudo aquilo que ocorreu naquele monte foi literal. Vejamos, por exemplo, a maneira como Lucas narra o acontecimento: “E aconteceu que, enquanto ele [Jesus] *orava*, a aparência do seu rosto se *transfigurou* e suas vestes resplandeceram de brancura” (Lc 9.29). Ninguém seria capaz de dizer que essa *oração* que Jesus fez não foi literal, não é mesmo? Obviamente, Jesus, literalmente, ajoelhou-se e passou a falar com o Pai. E essa *transfiguração* mencionada, ocorrida no rosto de Jesus, ela foi literal? Sim, pois não há absolutamente nada nesse ponto da narrativa de Lucas que sequer insinue que a oração de Jesus foi literal, mas que a transfiguração do rosto dEle não o tenha sido. Sem dúvida alguma, tanto a oração de Jesus quanto essa transfiguração de Seu rosto foram acontecimentos literais.

Prosseguindo em seu relato, Lucas diz: “Eis que dois varões falavam com ele: Moisés e Elias, os quais *apareceram* em glória e falavam da sua partida...” (Lc 9.30, 31). Agora chegamos ao ponto que nos interessa: e essa *aparição* de Moisés e Elias, ela foi literal? É claro que sim. E por quê? Ora, como podemos dizer que essa aparição não foi literal, se os acontecimentos que a antecederam (a oração de Jesus e a transfiguração do rosto dEle) o foram? Acaso existe uma única palavra ou expressão nos versículos 29-31 que sugira que somente a aparição de Moisés e Elias não foi literal? Não. Portanto, é impossível que uma leitura objetiva, honesta, sensata e imparcial de Lucas 9.29-31 (assim como dos relatos paralelos de Mateus e Marcos) leve alguém a negar a aparição literal desses dois personagens do AT. Isso, portanto, demonstra que a palavra “visão”, em Mateus 17.9, não foi usada para falar de uma visão extática que os discípulos teriam tido, que os tivesse capacitado a enxergar Moisés e Elias. Pelo contrário, essa palavra se refere a *acontecimentos literais* que os discípulos *viram literalmente*. A maneira como Lucas (bem como Mateus e Marcos) narra o incidente do Monte da Transfiguração inescapavelmente nos leva a essa conclusão!

Em segundo lugar, na sentença: “A ninguém conteis a visão” (Mt 17.9), notem que Mateus registrou essa recomendação de Jesus na *primeira pessoa*, reproduzindo as palavras exatas que o Mestre pronunciou. Em seu registro, Mateus fez uso daquilo que chamamos “discurso direto”. Porém, Marcos e Lucas, ao registrarem essa mesma recomendação, usaram a *terceira pessoa*, naquilo que denominamos “discurso indireto”: “Ao descerem do monte, ordenou-lhes Jesus que não divulgassem *as coisas que tinham visto*” (Mc 9.9); “Eles calaram-se e, naqueles dias, a ninguém contaram *coisa alguma do que tinham visto*” (Lc 9.36). Reparem os leitores que, no discurso indireto, Marcos e Lucas empregaram *suas próprias palavras* para *explicar* aquilo que Jesus quis dizer ao pronunciar a palavra “visão” (Mt 17.9). Segundo o entendimento inspirado desses dois evangelistas, Jesus usou “visão” para se referir às “coisas que [os discípulos] tinham visto”, e não *necessariamente* a um tipo de visão

extática ou arrebatamento de sentidos que eles teriam tido. Para Marcos e Lucas, portanto, Jesus apenas disse aos discípulos: “Não contem a ninguém as coisas que vocês viram”.

E essas coisas que os discípulos viram mas não deveriam contar a ninguém, elas aconteceram literalmente ou não? É aqui que o contexto no qual “visão” ocorre é de capital importância para obtermos uma resposta. Como vimos no primeiro ponto acima, a maneira como Mateus, Marcos e Lucas narram o incidente do Monte da Transfiguração não deixa dúvida: a oração de Jesus, a transfiguração do rosto dEle e a aparição de Moisés e Elias foram acontecimentos literais. Logo, é evidente que “visão”, em Mateus 17.9, refere-se às “coisas [literais] que [os discípulos] tinham visto [literalmente]”, incluindo a aparição literal do falecido Moisés!

Em terceiro lugar, o texto diz, claramente, que houve uma *comunicação real* entre Jesus e Moisés e Elias: “Eis que dois varões *falavam* com ele [com Jesus]: Moisés e Elias, os quais apareceram em glória e *falavam* da sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém” (Lc 9.30, 31; v. tb. Mt 17.3; Mc 9.4). Ora, uma *comunicação real* obrigatoriamente exigiria a presença *real, literal* de Moisés e Elias naquele monte, como os argumentos anteriores comprovaram. Portanto, temos aí mais um argumento que solidifica, ainda mais, a tese de que a palavra “visão”, em Mateus 17.9, refere-se às coisas literais que foram vistas literalmente pelos discípulos, não tendo absolutamente nada a ver com alguma visão extática.

Resumindo, o relato do Monte da Transfiguração diz claramente que:

1. O rosto e as vestes de Jesus passaram por uma *transformação literal*;
2. Moisés e Elias *apareceram, literalmente*, num ponto geográfico (um monte);
3. Os discípulos *viram, literalmente* (com os olhos físicos), Moisés e Elias;
4. Houve uma *comunicação real e literal* entre o falecido Moisés e Jesus;
5. Uma *nuvem luminosa desceu, literalmente*, sobre os discípulos;
6. Os discípulos *ouviram, literalmente*, a voz do Pai;
7. Os relatos paralelos de Marcos e Lucas *explicam* o sentido com o qual Jesus pronunciou a palavra “visão” em Mateus 17.9. Essa palavra apenas se refere às *coisas literais* que os discípulos *viram literalmente*.

Quando a literalidade da aparição do falecido Moisés é negada, transmite-se a idéia de que Deus não teria poder suficiente ou autorização de alguma de Suas criaturas para realizar essa obra. Porém, será que o Deus eterno, onisciente, onipresente e todo-poderoso, o Soberano Governador, Aquele que criou todas as coisas do Universo a partir do nada, que criou as coisas visíveis e as invisíveis, Aquele que fez a Terra parar de girar e uma jumenta falar, que ressuscitou Lázaro após este permanecer quatro dias morto, Aquele que inclusive criou o Sheol para ser a habitação dos espíritos humanos desencarnados, será que esse Deus não teria poder para retirar o espírito de

Moisés do Sheol e fazê-lo conversar, por alguns momentos, com o Salvador do mundo encarnado? *Por que* Moisés não poderia ter aparecido, literalmente, no Monte da Transfiguração? Acaso Deus estaria pecando, contradizendo-se, deixando de ser Deus, indo contra a Bíblia ou Sua própria natureza, ou praticando a necromancia se fizesse isso acontecer? De forma alguma! Como os leitores podem ver, não há a mais remota base bíblica ou filosófica para negar o comparecimento literal do falecido Moisés no Monte da Transfiguração. Sinceramente, a única explicação que vemos para que a literalidade dessa aparição seja negada é o temor desnecessário e sem sentido de estar apoiando a idéia espírita da comunicação entre vivos e mortos.

Assim como Deus trouxe Samuel, literalmente, para levar uma mensagem de condenação a tudo aquilo que Saul era e fazia (1Sm 28), milhares de anos depois trouxe Moisés, literalmente, para levar uma mensagem de total aprovação ao Seu “Filho amado”, o Messias de quem a Lei e os Profetas dão amplo e claro testemunho!

É POSSÍVEL EXPLICAR A APARIÇÃO DO FALECIDO MOISÉS SEM CRER NA IMORTALIDADE DA ALMA?

De acordo com alguns grupos religiosos, o homem não possui nenhuma porção imaterial e imortal em sua natureza, que sobreviveria independentemente do corpo. Em vez de *ter* uma alma, o ser humano *seria* uma alma. Conforme essa concepção antropológica, toda e qualquer atividade consciente estaria restrita apenas ao cérebro, de modo que a morte deste assinalaria o fim da personalidade humana:

A ressurreição do corpo é necessária para a vida no mundo por vir, pois o Novo Testamento nunca aceitou a crença na imortalidade da alma. *A vida sem o corpo é inconcebível.* Uma vez que o corpo é nossa existência humana concreta, sua ressurreição é indispensável para assegurar uma personalidade e vida plenas na nova Terra. [...] Em primeiro lugar, não há lembrança do Senhor na morte: “Pois na morte não há recordação de Ti; no sepulcro quem te dará louvor?” (Sl 6:5). A razão de não haver lembrança na morte é tão somente porque *o processo de pensamento cessa quando o corpo morre com o seu cérebro.*³ (itálicos acrescentados)

Segundo os proponentes desse ponto de vista, a morte humana seria um mergulho num estado de literal inexistência, inconsciência. Popularmente, essa visão acerca do pós-túmulo é conhecida como “sono da alma”,⁴ e é ensinada pelos adventistas do sétimo dia (ASD) e pelas testemunhas de Jeová (TJ).

³ BACCHIOCCHI, Samuele. *Imortalidade ou Ressurreição: Uma abordagem bíblica sobre a natureza e o destino eterno.* Unaspress, 1ª edição, 2007, pgs. 97, 130.

⁴ Preferimos não usar a expressão “sono da alma”, pois esta acaba transmitindo a equivocada idéia de que ASD e TJ acreditam que o homem tem uma alma imortal em sua constituição, que se desligaria do corpo por ocasião da morte, mas, em vez de ficar consciente, ficaria dormindo

No entanto, como que essa concepção dá conta da aparição do falecido Moisés no Monte da Transfiguração? Se absolutamente nada sobrevive conscientemente à morte da matéria, então como que o falecido Moisés pôde comunicar-se com Jesus naquele monte? Seria possível explicar a aparição de Moisés sem crer na imortalidade da alma, como pretendem os ASD e as TJ? É nisso que nos deteremos a partir de agora, durante a análise das explicações que esses dois grupos oferecem à narrativa do Monte da Transfiguração.

O incidente do Monte da Transfiguração e as testemunhas de Jeová: a aparição de Moisés foi uma “visão”?

Como vimos no tópico precedente, alguns cristãos autênticos, que acreditam na sobrevivência consciente da alma ante a morte do corpo, equivocam-se ao negar que a aparição do falecido Moisés tratou-se de uma “visão”. Constatou-se que tal negação, motivada pelo temor desnecessário e sem sentido de apoiar a prática espírita da comunicação com os mortos, é bíblicamente insustentável. Entretanto, esses cristãos não estão sozinhos nessa interpretação, pois a organização das Testemunhas de Jeová, que combate a imortalidade da alma, também defende a idéia de que Moisés foi visto por meio de uma “visão”:

Quando ocorreu a transfiguração, Moisés não estava “côncio de absolutamente nada”, pois havia morrido séculos antes. (Eclesiastes 9:5, 10) Como Davi, ele não havia sido ressuscitado e, portanto, *não se achava presente em pessoa*. (Atos 2:29-31) Mas por que Moisés foi visto com Cristo nessa *visão*?⁵ (itálicos acrescentados)

Já então bem acordados, os discípulos observam e ouvem com espanto. *Embora seja uma visão*, parece tão real que Pedro passa a participar no cenário, dizendo: “Senhor, é excelente que estejamos aqui. Se desejares, armarei aqui três tendas, uma para ti, e uma para Moisés, e uma para Elias.”⁶ (itálico acrescentado)

Embora as TJ também aleguem que Moisés (e Elias) foi visto numa “visão”, elas o fazem com uma *intenção* diferente da dos cristãos acima mencionados, a saber: tentar negar que foi o espírito de Moisés que apareceu no Monte da Transfiguração. Afinal, as TJ não acreditam que os mortos ficam conscientes.

Entretanto, essa interpretação das TJ, em torno da palavra “visão” (Mt 17.3), não requer mais nossa atenção, pois a mesma já foi apresentada e contestada no tópico anterior. É muito difícil (para não dizer impossível) defender, com base numa exegese bíblica cuidadosa, a tese de que as coisas que os discípulos contemplaram no Monte da Transfiguração foram uma “visão”. Muito pelo

nalgun lugar. Porém, a antropologia desses dois grupos rejeita, veementemente, a doutrina da imortalidade da alma. Para ASD e TJ, é inconcebível que haja qualquer espécie de vida humana consciente à parte de um corpo físico.

⁵ *A Sentinela*, p. 21, 15 set 1991.

⁶ *O maior homem que já viveu*, Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1991, capítulo 60.

contrário, tudo aquilo que lá ocorreu foi bem real, literal, incluindo, naturalmente, o aparecimento do falecido Moisés.

O incidente do Monte da Transfiguração e os adventistas do sétimo dia : Moisés já ressuscitou?

Procurando explicar o aparecimento do finado Moisés, os ASD defendem a por nós denominada “teoria da ressurreição de Moisés”, segundo a qual teria sido o corpo ressurreto desse servo do SENHOR que teria se manifestado no Monte da Transfiguração:

Mas Aquele "que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos" (Efés. 3:20), assim atendera à súplica de Seu servo. Moisés passou sob o domínio da morte, mas não devia permanecer na sepultura. O próprio Cristo o chamou à vida. Satanás, o tentador, reclamara o corpo de Moisés por causa de seu pecado; mas Cristo, o Salvador o tirara da tumba. Jud. 9.⁷

Ainda segundo os ASD, a ressurreição de Moisés não teria sido igual às demais ressurreições relatadas na Bíblia: nestas, as pessoas tornaram a morrer anos mais tarde; naquela, porém, Moisés recebeu um corpo incorruptível, não mais sujeito à morte. A ressurreição de Moisés teria sido da *mesma natureza* da de Jesus. Enfim, os ASD procuram explicar a narrativa do Monte da Transfiguração por meio da “teoria da ressurreição de Moisés”, para assim não terem que admitir que a Bíblia está ensinando, nesse relato, que os mortos ficam conscientes. Porém, será que existe amparo bíblico para a tese de que Moisés já ressuscitou?

Ensina Judas 9 que Moisés já ressuscitou?

Diante da “teoria da ressurreição de Moisés”, nada mais natural que nós, leitores atentos das Escrituras, perguntemos: “Onde está escrito, na Bíblia, que Moisés já ressuscitou?”. Em resposta, os ASD imediatamente apresentam o texto de Judas 9, que, segundo eles, narraria esse milagre:

Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo, e *disputava a respeito do corpo de Moisés*, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: O Senhor te repreenda.

Segundo os ASD, essa contenda entre o arcanjo Miguel e o Diabo teria sido para ressuscitar Moisés. Ao final dessa disputa, Miguel teria trazido Moisés de volta à vida. Porém, para que esse arcanjo pudesse ter realizado semelhante

⁷ WHITE, Ellen Gould. *O Desejado de Todas as Nações*, p. 421.

milagre, os ASD tiveram que identificá-lo com Jesus. Como? A partir de uma associação *conveniente* de alguns textos escolhidos (Js 5.13-15; Dn 8.25; 9.25, 26; 10.13, 21; 12.1; 1Ts 4.16; Jd 9, *etc.*).⁸ Assim, após aquela discussão com Satanás, o “arcanjo Jesus” teria levantado Moisés dentre os mortos, e isso explicaria sua aparição a Jesus lá no Monte da Transfiguração.

No entanto, não existe a menor possibilidade de o texto de Judas 9 ser usado para defender a “teoria da ressurreição de Moisés”. Abaixo algumas razões por que entendemos que os ASD estão distorcendo, claramente, esse versículo bíblico, a fim de defender seu ponto de vista.

Em primeiro lugar, apenas duas perguntas objetivas, diretas sobre o que *está escrito* em Judas 9 já comprovam que esse texto não está, de forma alguma, ensinando que Miguel levantou Moisés da sepultura:

1. Está escrito, em Judas 9, que a discussão entre Miguel e o Diabo foi *a fim de ressuscitar* Moisés? Não. Esse versículo diz, inquestionavelmente, que a contenda foi “a respeito do corpo de Moisés”. Porém, os ASD, movidos unicamente pelo desejo de explicar a aparição do falecido Moisés no Monte da Transfiguração e, assim, tentar salvar a tese de que os mortos ficam inconscientes, *vão além* do que está escrito e afirmam que tal disputa foi “a respeito *da ressurreição* do corpo de Moisés”. Pelo incrível que possa parecer, a palavra “ressuscitar” sequer consta em Judas 9; porém, os ASD, assim mesmo, conseguem enxergá-la nesse versículo.
2. Está escrito, em Judas 9, que Miguel *venceu* a disputa que teve com o diabo e, em seguida, *ressuscitou* Moisés? Absolutamente. Os *únicos* que dizem que Miguel ressuscitou Moisés são os ASD, e não o texto sagrado.

Logo, como que os ASD são capazes de concluir, com base em Judas 9, que o arcanjo Miguel ressuscitou Moisés? Somente uma interpretação tendenciosa, na qual o intérprete *força* esse versículo a dizer aquilo que *ele quer* que diga, pode levar a tal conclusão. Porém, uma leitura objetiva e imparcial de Judas 9, em que o leitor deixa esse texto *falar por si mesmo*, jamais desembocaria na extravagante “teoria da ressurreição de Moisés”, como as duas perguntas que deixamos acima comprovaram. Após ler o texto de Judas 9, um leitor *imparcial* só poderia afirmar uma coisa: que aquela disputa foi “a respeito do corpo de Moisés”, apenas isso. Em outras palavras, esse versículo, *isoladamente*, não diz que a disputa foi para ressuscitar o corpo de Moisés, nem para sepultá-lo. Para

⁸ Ao associarem diversos textos bíblicos para construírem a tese de que o arcanjo Miguel é Jesus, o que os ASD querem, *na realidade*, é tentar negar que a imortalidade da alma esteja sendo ensinada no relato do Monte da Transfiguração. Ou seja, Miguel *somente* foi transformado em Jesus por causa da aparição do falecido Moisés. Porém, esse ardil traz um alto ônus teológico para os ASD, pois além de terem que defender a ignominiosa idéia da igualdade entre Miguel e Jesus, ainda precisam, com base numa leitura distorcida de Judas 9, dizer que Moisés já ressuscitou.

saber qual o motivo dessa contenda, haveremos de recorrer a outras passagens bíblicas, como será feito mais abaixo.

Em segundo lugar, se o arcanjo Miguel é mesmo Jesus, segue-se que ele é, no sentido mais pleno e verdadeiro do termo, Deus todo-poderoso, Criador. Nesse caso, como que o Diabo, uma criatura, poderia ter contendido com esse arcanjo, opondo-se à sua soberana vontade de ressuscitar Moisés? Se Miguel fosse Jesus, então bastaria que ele pronunciasse uma só palavra para que o corpo sem vida de Moisés saísse, ressurreto, de dentro da sepultura, e criatura alguma poderia oferecer qualquer resistência para a realização desse milagre. Portanto, o fato de o Diabo ter contendido com Miguel demonstra que esses dois seres celestiais são criaturas. Miguel, pois, não é Jesus.

Em terceiro lugar, existem textos mostrando que Jesus, e não Moisés, foi o *primeiro* homem a experimentar a ressurreição plena:⁹

Isto é, que o Cristo devia padecer, e sendo o *primeiro* [gr. *protos*] da ressurreição dentre os mortos, devia anunciar a luz a este povo e aos gentios (At 26.23).

Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, e foi feito *as primícias* [gr. *aparche*] dos que dormem (1Co 15.20).

E ele [Cristo] é a cabeça do corpo, da igreja; é o *princípio* [gr. *arche*] e o *primogênito* [gr. *prototokos*] dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência (Cl 1.18).

E da parte de Jesus Cristo, que é a fiel testemunha, o *primogênito* [gr. *prototokos*] dentre os mortos e o príncipe dos reis da terra (Ap 1.5).

Conforme esses versículos, Jesus foi o *primeiro* (e o *único*) homem a passar por uma ressurreição no sentido pleno do termo, cumprindo, assim, o que fora profetizado nas Escrituras (Sl 16.9, 10). Essa ressurreição ímpar era condição essencial para Seu reconhecimento como Senhor e Cristo (At 2.24-36).

A fim de que não restasse dúvida alguma sobre a singularidade desse milagre, percebam que os autores bíblicos lançaram mão de diferentes vocábulos: “primeiro [gr. *protos*]”, “primícias [gr. *aparche*]”, “princípio [gr. *arche*]” e “primogênito [gr. *prototokos*]”. Isso serve de resposta ao argumento de alguns ASD de que Jesus não teria sido o primeiro a experimentar uma ressurreição plena. Se *protos*, *aparche*, *arche* e *prototokos* são usados **somente** para a ressurreição do Cristo—porém **nunca** para as outras ressurreições relatadas na Bíblia, nem tampouco para a falsa ressurreição de Moisés—então é

⁹ Usamos a expressão “ressurreição plena” para referir-me à ressurreição pela qual Jesus passou, quando Ele recebeu um corpo glorificado, não mais sujeito à morte.

completamente absurdo e sem nexos afirmar que Moisés tenha passado por uma ressurreição plena *antes* de Jesus. Que sentido haveria em aplicar esses quatro vocábulos gregos **apenas** à ressurreição do Senhor, quando, na realidade, Ele teria sido o **segundo** a passar pela ressurreição plena? Se Jesus não foi o primeiro a passar por uma ressurreição plena, segue-se que Moisés é o “primeiro”, as “primícias”, o “princípio” e o “primogênito” dentre os mortos, o que contrariaria claramente aquilo que a Bíblia declara.

Logo, o emprego dessas palavras só faz sentido se entendermos que o milagre por que Jesus passou foi sem precedentes na história da humanidade. Sinceramente, se esses quatro vocábulos, juntos, não são claros e suficientes para nos comunicar que a ressurreição pela qual o Cristo passou foi (e é) sem igual, então pensamos que os escritores bíblicos, caso quisessem nos ensinar essa verdade, não encontrariam mais palavras na língua grega para tal.

Em quarto lugar, convém tecer alguns comentários acerca da origem do texto de Judas 9, do qual os ASD extraem a teoria de que Miguel ressuscitou Moisés:

Orígenes informa-nos que a história da contenda sobre o corpo de Moisés derivou-se do livro apócrifo ou pseudépígrafe chamado *Assunção de Moisés* (ou “Ascensão de Moisés”). [...] Esse ponto de vista tem sido confirmado por traduções de fragmentos gregos existentes sobre essa obra.¹⁰

Ao registrar em sua carta essa disputa entre o arcanjo Miguel e o Diabo, Judas fez uso de uma obra apócrifa chamada *Assunção de Moisés* (c. 3 a.C. - 30 d.C.). O detalhe que queremos acentuar aqui, e que seguramente é ignorado por quase todos os ASD, é que essa obra judaica, ao narrar a disputa entre o Diabo e Miguel, diz que aquele tentou impedir que este *sepultasse o corpo* de Moisés:

Um sumário dessa história que envolve Moisés é o seguinte: 1. O diabo não queria permitir que Miguel *sepultasse* a Moisés, alegando que o corpo de Moisés pertencia à ordem material e que ele fora homicida, pelo que não merecia um sepultamento decente. 2. Miguel responde a essa primeira acusação, alegando que o Senhor é o criador e governador do mundo material, pelo que Satanás nada tinha a dizer acerca do que ocorresse com o corpo de Moisés. Ignora a segunda acusação. 3. Afinal de contas, Miguel, pelo poder da razão ou pela ajuda direta de Deus, *consegue sepultar o corpo de Moisés nas montanhas*, e conduz consigo o seu espírito para os céus.¹¹ (itálicos acrescentados)

Como se percebe, a *Assunção de Moisés* não fala absolutamente nada acerca de uma contenda em torno da *ressurreição* do corpo de Moisés. Muito pelo

¹⁰ CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, Editora Candeia, 1ª edição, 1998, vol. 6, pg. 336. Caso o leitor queira adquirir, gratuitamente, a obra *The Assumption of Moses* (Adam e Charles Black, Londres, 1897), que contém comentários e os fragmentos em latim e grego da obra *Assunção de Moisés*, favor solicitar ao proprietário deste site.

¹¹ *ibid.*, pg. 336.

contrário: além de narrar o sepultamento do corpo dele, essa obra ainda diz que Miguel conduziu o *espírito* de Moisés aos céus. Em suma, o que estamos querendo dizer é que os ASD não têm base bíblica nem extrabíblica para apoiar a teoria segundo a qual Miguel teria ressuscitado Moisés. Se a *Assunção de Moisés* pudesse ser usada para dar a palavra final na interpretação de Judas 9, certamente a “teoria da ressurreição de Moisés” seria *sepultada*, pois essa obra judaica foi escrita justamente para falar do sepultamento de Moisés. A *Assunção de Moisés* é uma prova extrabíblica de que os judeus dos dias de Jesus *não* acreditavam que Moisés havia ressurgido dentre os mortos!

O fato de Judas ter inserido em sua carta o trecho dessa obra apócrifa demonstra que ele, assim como os judeus de seus dias, *não* acreditava que esse líder israelita havia ressuscitado. Ora, isso é uma conclusão óbvia, pois se a *Assunção de Moisés* falava que Miguel havia *sepultado* o corpo de Moisés, então não haveria sentido algum em Judas citar essa obra apócrifa em sua carta para dizer que Miguel havia *ressuscitado* o corpo de Moisés!

Judas e seus contemporâneos judeus sabiam que o corpo de Moisés encontrava-se numa sepultura de localização desconhecida, pois foi o próprio SENHOR quem fez questão de escondê-la dos israelitas (Dt 34.5, 6). Porém, será que os ASD, quase três mil e quinhentos anos depois do sepultamento desse grande líder, finalmente encontraram essa sepultura? (Afinal, eles insistem tanto em dizer que ela está vazia, que só podemos concluir que a encontraram.) Como se já não tivesse sido muito trabalhoso contender com o Diabo e, em seguida, abrir uma sepultura e enterrar o corpo de Moisés, pelo visto o arcanjo Miguel ainda tem muito trabalho pela frente: permanecer vigiando constantemente essa sepultura, pois os ASD querem, de qualquer jeito, retirar o corpo de Moisés de dentro dela...

Em quinto lugar, consideramos blasfêmia inominável a atitude dos ASD em identificar o arcanjo Miguel com Jesus.¹² E por quê? Porque Jesus e Miguel são duas pessoas completamente *distintas*, como este versículo abaixo deixa tão claro:

Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu vinte e um dias, e eis que Miguel, *um dos* primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu fiquei com os reis da Pérsia.

Ao que parece, essa passagem só não é clara para os ASD, pois a mesma afirma que Miguel é apenas “*um dos* primeiros príncipes” celestiais (arcânjos) existentes. A expressão “um dos” refere-se, naturalmente, a “mais de um”, fazendo-nos concluir que há outros seres criados ocupando a mesma posição hierárquica que Miguel. Logo, Miguel não é o único arcanjo. Há outros, o que

¹² Deve ser lembrado que as TJ também defendem a teoria de que o arcanjo Miguel é Jesus. Todavia, diferentemente dos ASD, as TJ não acreditam na divindade de Miguel/Jesus.

torna impossível identificá-lo com Jesus. Isso, evidentemente, impossibilita que Miguel tenha ressuscitado Moisés após aquela contenda que teve com o Diabo (Jd 9).

Além de já ter ressuscitado, o corpo de Moisés “não viu a corrupção”?

Em seu caminho para defender a “teoria da ressurreição de Moisés” e, assim, tentar provar que não foi o espírito desse grande homem de Deus que apareceu no Monte da Transfiguração, a IASD acabou trazendo à luz um ensinamento bastante extravagante: o corpo de Moisés “não viu a corrupção”. Sim, é isso mesmo. Antes de o corpo de Moisés decompor-se, apodrecer, o “arcanjo Jesus” o teria ressuscitado, conduzindo-o, em seguida, ao céu. Tal declaração foi feita por ninguém menos que Ellen Gould White (EGW), a profetisa da IASD, num de seus livros “inspirados”:

Moisés passou pela morte, mas Cristo desceu e lhe deu vida antes que seu corpo visse a corrupção. Satanás procurou reter o corpo, pretendendo-o como seu; mas Miguel ressuscitou Moisés e levou-o ao Céu. Satanás maldisse amargamente a Deus, acusando-O de injusto por permitir que sua presa lhe fosse tirada; Cristo, porém, não repreendeu a Seu adversário, embora fosse por sua tentação que o servo de Deus houvesse caído. Mansamente remeteu-o a Seu Pai, dizendo: "O Senhor te repreenda." Jud. 1:9.¹³ (itálico acrescentado)

A seguir, apresentamos cinco argumentos que nos fazem concluir que essa afirmação de EGW, além de absurda, ainda contradiz, frontalmente, aquilo que as Escrituras Sagradas ensinam.

Em primeiro lugar, a Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, não apenas é clara, mas também repetitiva em ensinar que *somente* o corpo do Cristo não viu a corrupção, como nestas três passagens:

Tenho posto o SENHOR continuamente diante de mim; por isso que ele está à minha mão direita, nunca vacilarei. Portanto está alegre o meu coração e se regozija a minha glória; também a minha carne repousará segura. Pois não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção (Sl 16.8-10).

Cerca de mil anos antes de o Cristo vir ao mundo, o rei Davi, nesse salmo messiânico, predisse que haveria um “sinal” para identificá-Lo, a saber: o corpo do Cristo não veria a corrupção, pois seria ressuscitado antes que esse processo iniciasse. Agora, percebam nos dois textos a seguir como que os apóstolos Pedro e Paulo, respectivamente, ao verem esse “sinal”, não tiveram dúvida

¹³ WHITE, Ellen Gould. *Primeiros Escritos*, p.164. Disponível em: <<http://www.ellenwhitebooks.com/>>. Acesso em: 06 dezembro 2010.

alguma de que essa profecia do salmo 16 encontrara seu cumprimento em Jesus:

Porque dele disse Davi: Sempre via diante de mim o Senhor, porque está à minha direita, para que eu não seja comovido; por isso se alegrou o meu coração, e a minha língua exultou; e ainda a minha carne há de repousar em esperança; pois não deixarás a minha alma no inferno, *nem permitirás que o teu Santo veja a corrupção...* Nesta previsão, disse da ressurreição de Cristo, que a sua alma não foi deixada no inferno, *nem a sua carne viu a corrupção* (At 2.25-27, 31).

E que o ressuscitaria dentre os mortos, para nunca mais tornar à corrupção, disse-o assim: As santas e fiéis bênçãos de Davi vos darei. Por isso também em outro salmo diz: *Não permitirás que o teu santo veja corrupção*. Porque, na verdade, tendo Davi no seu tempo servido conforme a vontade de Deus, dormiu, foi posto junto de seus pais e viu a corrupção. *Mas aquele a quem Deus ressuscitou nenhuma corrupção viu* (At 13.34-37).

De acordo com as Escrituras, portanto, o *único* homem cujo corpo não viu a corrupção foi Jesus. Porém, como harmonizar isso com a afirmação de EGW? Será que as declarações de Davi, Pedro e Paulo deixaram alguma brecha, por menor que seja, para que ela declarasse que o corpo de Moisés não se corrompeu? Absolutamente! Portanto, de onde EGW retirou semelhante idéia? Seguramente, de qualquer lugar, exceto da Bíblia. Tal teoria não apenas é completamente estranha à Bíblia, mas também contradiz aquilo que a Bíblia ensina claramente. Se os ASD discordam disso, então que apresentem ao menos *um* texto bíblico que diga que o corpo de Moisés não viu a corrupção.

Em segundo lugar, será que o fato de Davi ter *predito* que o corpo do Cristo não veria a corrupção (Sl 16) já não pressupunha que, até os dias desse rei, os corpos de *todos* os seres humanos, inclusive o de Moisés, haviam visto a corrupção? Essa profecia de Davi não indicava que aquilo que ocorreria com o corpo do Cristo seria algo singular, sem precedentes na história humana? Ou seja, assim como o Cristo seria o *primeiro* homem a ressuscitar (no sentido pleno desse termo), o Seu corpo também seria o *primeiro* a não ver a corrupção?

Dizemos isso porque se os hebreus dos dias de Davi acreditassem que o cadáver de Moisés não vira a corrupção, então essa profecia de Davi, constante no salmo 16, perderia sua força e sentido. Se os contemporâneos de Davi ouvissem ou lessem essa profecia, diriam: "Ora, não há novidade alguma nisso que acontecerá com o corpo desse homem sobre o qual Davi está falando. Afinal, já é notório que o corpo de nosso Moisés, muitos séculos atrás, não viu a corrupção!". Em outras palavras, essa profecia de Davi perderia a sua razão de ser. Algo semelhante também aconteceria nos dias do Novo Testamento. Se os

judeus dos dias dos apóstolos, ao ouvirem Pedro (At 2) e Paulo (At 13) defendendo que o corpo de Jesus não vira a corrupção, razão pela qual Ele era o Cristo, poderiam replicar: “Esse Jesus que vocês estão pregando fez milagres, foi morto, e depois Seu corpo saiu do sepulcro sem ter visto a corrupção. Finalmente, Ele, num corpo glorificado, ascendeu aos céus. Porém, isso não indica que Ele seja o Cristo, pois nosso Moisés, milhares de anos antes, também operou milagres, morreu, e seu corpo escapou da sepultura sem se corromper. Por fim, o corpo de Moisés também subiu aos céus. Portanto, se nós, judeus, não consideramos Moisés o Cristo, por que haveríamos de considerar esse Jesus do qual vocês estão falando?”. Enfim, o que queremos dizer é que Davi, Pedro e Paulo, assim como todos os hebreus, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, jamais acreditaram que o corpo de Moisés não experimentara a corrupção. E não poderia ser diferente, pois o testemunho de Deus, deixado nas Sagradas Escrituras, é que o corpo de nosso Senhor foi, no sentido mais absoluto, o *primeiro* e o *único* a não ver a corrupção. É lamentável que EGW contradiga esse testemunho ao passar Moisés na frente de Jesus.

Em terceiro lugar, ao contrário do que afirma EGW, *o próprio Deus* declarou que: (1) a morte de Moisés seria igual à de qualquer outro homem, e que (2) o corpo de Moisés permaneceria na sepultura, decompondo-se, assim como ocorre com todos os demais cadáveres. É isso o que aprendemos dos trechos abaixo:

Depois disse o SENHOR a Moisés: Sobe a este monte de Abarim, e vê a terra que tenho dado aos filhos de Israel. E, tendo-a visto, então *serás recolhido ao teu povo, assim como foi recolhido teu irmão Arão* (Nm 27.12, 13).

Depois falou o SENHOR a Moisés, naquele mesmo dia, dizendo: Sobe ao monte de Abarim, ao monte Nebo, que está na terra de Moabe, defronte de Jericó, e vê a terra de Canaã, que darei aos filhos de Israel por possessão. *E morre no monte ao qual subirás; e recolhe-te ao teu povo, como Arão teu irmão morreu no monte Hor, e se recolheu ao seu povo* (Dt 32.48-50).

Os anúncios antecipados da morte de Moisés deram-se nos seguintes termos: “...então serás recolhido ao teu povo, *assim como* foi recolhido teu irmão Arão” (Nm 27.13); “E morre no monte ao qual subirás; e recolhe-te ao teu povo, *como* Arão teu irmão morreu no monte Hor, e se recolheu ao seu povo” (Dt 32.50). Deus foi claro em mostrar que Moisés morreria e seria recolhido ao seu povo *da mesma forma* que acontecera com Arão. Ora, será que Deus, por meio desses anúncios, queria que Moisés soubesse que seu cadáver, em breve, antes de entrar em corrupção, receberia um tratamento distinto do que foi concedido ao de Arão, como, por exemplo, seria ressuscitado? Absolutamente. Portanto,

como que os ASD conciliam esses dois anúncios divinos com a revelação de EGW de que o corpo de Moisés não se corrompeu? Será que alegarão que o corpo de Arão também não viu a corrupção, pois foi igualmente ressuscitado por Deus?

Em quarto lugar, se o corpo de Moisés não se corrompeu, então sua morte e sepultamento ficam totalmente desprovidos de sentido, como depreendemos do período a seguir:

Assim morreu ali Moisés, servo do SENHOR, na terra de Moabe, conforme a palavra do SENHOR. E [o SENHOR] o *sepultou* num vale, na terra de Moabe, em frente de Bete-Peor; e ninguém soube até hoje o lugar da sua sepultura (Dt 34.5, 6).

Conforme o versículo 6, quem sepultou o cadáver de Moisés foi o SENHOR.¹⁴ Ora, se o corpo de Moisés escapou da corrupção, então que sentido haveria em o SENHOR sepultá-lo e, poucos dias depois, ressuscitá-lo? Como entender essa “lógica divina”, que lança um cadáver na sepultura na segunda-feira, por exemplo, *somente* para depois retirá-lo na terça ou quarta, antes que esse corpo comece a decompor-se?

Para aumentar, ainda mais, essa falta denexo da idéia de que o corpo de Moisés não viu a corrupção, lançamos outras perguntas: “Por que o SENHOR fez questão de anunciar a Moisés, antecipadamente, a sua morte (Dt 32.48-50; Nm 27.12, 13), se a Sua intenção era ressuscitá-lo poucos dias depois? Se o propósito do SENHOR era conduzir Moisés aos céus, então por que Moisés ainda precisou morrer e ser sepultado? A exemplo do que fez com Enoque e Elias, que não provaram a morte, não teria sido melhor e mais lógico se Deus tivesse arrebatado Moisés do alto do Monte Nebo, conduzindo-o às alturas? Como sabemos, o SENHOR anunciou a Elias, antecipadamente, que ele não morreria, porém seria arrebatado (2Rs 2.1-11). Ora, por que Deus não fez o mesmo com Moisés? Ou seja, em vez de ter-lhe anunciado a sua morte, por que Deus não lhe anunciou o seu *arrebatamento* que brevemente aconteceria? Repetimos: Por que Moisés ainda precisou morrer e ser sepultado, se o propósito do SENHOR era

¹⁴ Se compararmos Deuteronômio 34.6, que diz que o SENHOR sepultou Moisés, com Judas 9, que cita a disputa entre Miguel e o Diabo “a respeito do corpo de Moisés”, somos levados à conclusão de que o SENHOR, por meio do arcanjo Miguel, sepultou Moisés “na terra de Moabe”. Se essa interpretação estiver correta, então o livro apócrifo *Assunção de Moisés*, do qual Judas extraiu a história da referida contenda, estaria com razão quando diz que o príncipe das trevas tentou impedir que Miguel desse sepultura ao corpo de Moisés. Embora as palavras “sepultar” e “ressuscitar” não constem no texto de Judas 9, a comparação desse texto com Deuteronômio 34.6, mais os outros argumentos que apresentamos neste estudo, contrários à idéia da ressurreição de Moisés, fortalecem, ainda mais, essa interpretação. Ou seja, um exame mais amplo de Judas 9, que leva em conta aquilo que outras partes da Bíblia ensinam, convergem para a idéia de que Miguel, após ter discutido com o Diabo, sepultou o corpo de Moisés, e não o ressuscitou, como querem os ASD.

conduzi-lo às alturas dois ou três dias depois, antes que seu corpo se corrompesse? Será que Deus tão-somente queria que Seu servo sentisse o 'gostinho' da morte, para que ele soubesse como que é ficar num estado de inconsciência, inexistência?".

Em nossa opinião, essa ausência de sentido somente corrobora o argumento que Moisés não ressuscitou. Defender tanto a ressurreição de Moisés quanto a idéia de que seu corpo não foi destruído é uma atitude, no mínimo, irracional, ilógica.

Em quinto e último lugar, a parte final do texto de Deuteronômio 34.6, tratando da localização da sepultura de Moisés, traz uma declaração esclarecedora: "e ninguém soube até hoje o lugar da sua sepultura". Analisando-a cuidadosamente, extraímos duas lições:

1. A expressão "até hoje" refere-se ao dia em que o escritor sagrado estava escrevendo Deuteronômio 34.6. E, com cem por cento de certeza, tal registro só foi realizado algum tempo depois da morte de Moisés.¹⁵ Afinal, se o sepultamento de Moisés tivesse sido realizado três dias antes de esse trecho ser escrito, por exemplo, não teria sentido algum em o escritor bíblico dizer que "ninguém soube *até hoje* o lugar da sua sepultura". A própria natureza da expressão "até hoje" já traz em si a idéia de que o dia do referido sepultamento, quando comparado ao momento em que o escritor estava escrevendo, já ocorrera há bastante tempo.
2. Essa "sepultura" à qual o escritor inspirado se referiu evidentemente *guardava o cadáver de Moisés*. Afirmamos isso porque não haveria lógica em o escritor sacro declarar que ninguém sabia a localização de uma sepultura vazia. A fim de que essa verdade fique ainda mais clara, devemos nos lembrar que foi o próprio SENHOR quem sepultou Moisés. Ou seja, era *intenção* de Deus que nenhum israelita encontrasse a sepultura de Moisés. Porém, se o SENHOR tivesse ressuscitado Moisés, então por que Ele quereria esconder dos israelitas uma sepultura vazia? Se Deus estivesse ocultando aos hebreus a sepultura vazia de Moisés, então a declaração do escritor, de Deuteronômio 34.6, seria completamente despropositada e ilógica. (Afinal, que sentido teria em ele escrever, *bem depois* da morte e ressurreição de Moisés, que ninguém sabia, "até hoje", o local da sepultura vazia desse grande líder?) Dessa forma, se Deus tinha a intenção de esconder a sepultura de Moisés, então é porque Ele não queria que os israelitas encontrassem o cadáver de Moisés, que obviamente nela jazia.

¹⁵ Era bastante comum que os escritores bíblicos, quando queriam se referir a eventos que já haviam ocorrido há bastante tempo, usassem a expressão "até hoje" (v. Gn 19.37; 26.33; 35.20; 47.26; Js 15.63; 1Sm 27.6, etc.).

Ora, se (1) o texto de Deuteronômio 34.6 foi escrito bem depois da morte de Moisés, e se (2) até o dia em que esse texto foi escrito ninguém sabia a localização da sepultura que guardava o corpo de Moisés, então só podemos concluir que o corpo de Moisés viu, com certeza absoluta, a corrupção.

Diante desses cinco argumentos, como que fica a afirmação de EGW de que o corpo de Moisés não teria visto a corrupção? Será que essa profetisa merece crédito? Perguntamos isso porque suas revelações contradizem, claramente, o testemunho bíblico. Só para ilustrar isso, acompanhem, na tabela abaixo, quais são as respostas que EGW e Deus oferecem às perguntas que elaboramos acerca da morte de Moisés:

Perguntas	Deus responde na Bíblia	EGW responde por meio de suas visões
Moisés ressuscitou?	Não, Moisés não ressuscitou, pois seu corpo encontra-se, até hoje, numa sepultura de localização oculta (Dt 34.5, 6).	Sim, Moisés ressuscitou. Foi o arcanjo Miguel quem o fez ressurgir dentre os mortos.
O corpo de Moisés viu a corrupção?	Sim, pois <i>somente</i> o corpo do Cristo não viu a corrupção (Sl 16.9, 10; At 2.25-27, 31; 13.34-37). O corpo de Moisés, por ainda estar sepultado, evidentemente corrompeu-se.	Não, o corpo de Moisés não viu a corrupção. Antes que isso ocorresse, o arcanjo Miguel o ressuscitou.
Moisés foi conduzido, em corpo, aos céus?	Não. Jesus foi o <i>único</i> homem cujo corpo, que não vira a corrupção enquanto jazia no sepulcro, foi conduzido aos céus (Lc 24.51; At 1.1, 2, 9-11).	Sim. Milhares de anos antes de Jesus, o corpo de Moisés, que não vira a corrupção enquanto jazia na sepultura, foi elevado aos céus.

Observando-se essa tabela, fica bastante evidente que, no que concerne às perguntas acima elaboradas, que tratam da morte de Moisés, as respostas de Deus e as de EGW são completamente divergentes: quando Deus responde “sim”, EGW responde “não”, e vice-versa. Em momento algum há uma concordância entre ambos. Ademais, reparem que *todas* as respostas fornecidas por EGW não possuem um único versículo bíblico para apoiá-las, o que comprova que elas se originaram unicamente na cabeça da profetisa da IASD. Diante disso, só podemos indagar: “Quem, afinal, está errado: Deus ou EGW?”. Que os leitores, sobretudo os leitores adventistas, respondam.

Elias e Moisés apareceram corporalmente no Monte da Transfiguração?

Veja por outra os ASD fazem o seguinte raciocínio: “O corpo de Jesus, no Monte da Transfiguração, transfigurou-se, assumindo uma aparência gloriosa (Mt 17.2). Em seguida, tanto Moisés quanto Elias (que não morrera) “apareceram *com glória*” (Lc 9.31)”. No final, concluem: “Ora, se Jesus e Elias

estavam em *corpos* glorificados, então seria inconcebível que somente Moisés comparecesse em *espírito* àquele encontro. Portanto, ele também estava num corpo glorificado”. Ou seja, essa maneira de pensar serviria para reforçar a “teoria da ressurreição de Moisés”.

No entanto, essa alegação não se sustenta, pois o fato de Elias não ter morrido, mas ter aparecido no Monte da Transfiguração, não indica que Moisés tenha ressuscitado. Uma coisa não pressupõe nem reclama a outra. Acompanhem a seqüência abaixo:

1. A Bíblia declara que Elias não morreu; mas também declara que esse profeta apareceu no Monte da Transfiguração.
2. A Bíblia declara que Moisés *morreu e não foi ressuscitado*; mas também declara que esse líder israelita apareceu no Monte da Transfiguração.

O leitor entendeu o que estamos dizendo? Ao argumentarem que Moisés apareceu corporalmente no Monte da Transfiguração, pois Elias, que não morreria, teria aparecido corporalmente,¹⁶ os ASD acabam deixando de lado o mais importante neste debate: explicar o fato de a Bíblia (1) *não* declarar, em lugar algum, que o falecido Moisés ressuscitou, mas, mesmo assim, (2) declarar que ele apareceu no Monte da Transfiguração. É isso o que precisa ser explicado.

Quando os ASD lançam mão desse raciocínio falacioso, querem nos fazer esquecer que a simples aparição do profeta Elias, que não morreria, não pode anular todo o testemunho bíblico que diz, clara e repetidamente, que Moisés não ressuscitou!

Em vista de todos esses argumentos, fica comprovado que a “teoria da ressurreição de Moisés” não encontra amparo bíblico algum. E se Moisés não apareceu corporalmente no Monte da Transfiguração, nem tampouco foi visto por meio de uma “visão”, então concluímos que foi o *espírito* dele que surgiu naquele lugar. À pergunta deste tópico: “É possível explicar a aparição do falecido Moisés sem crer na imortalidade da alma?”, só posso responder que não. Apenas a interpretação imortalista trata o texto do Monte da Transfiguração com coerência e imparcialidade, sem causar danos à Teologia. Em contrapartida, as interpretações alternativas apresentadas para explicar a aparição de Moisés acabam trazendo mais problemas que soluções aos seus defensores.

¹⁶ O texto sagrado apenas diz que Moisés e Elias “apareceram com glória” no Monte da Transfiguração (Lc 9.31), apartando-se (desaparecendo) desse local após alguns instantes (v. 33). Não dogmatizando sobre esse assunto, devido à ausência de informações detalhadas sobre o *modo* como Elias, que não morreria, teria aparecido naquele monte, penso que esse profeta manifestou-se num corpo glorificado.

CONCLUSÃO

Ao mostrar o falecido Moisés dialogando com Jesus, o relato do Monte da Transfiguração, a exemplo do de En-Dor (1Sm 28), torna-se num dos mais claros testemunhos bíblicos em favor da existência contínua da alma depois da morte. As pessoas até podem especular sobre como o espírito de Moisés pôde manifestar-se, por alguns instantes, no mundo físico. Porém, isso é, em minha opinião, pura perda de tempo, e, dependendo do caso, incredulidade, pois um milagre, como o próprio nome já sugere, foge à capacidade humana de investigação. Nenhum homem, por mais inteligente e sábio que seja, conseguirá explicar, por meio de suas estruturas de pensamento e lógica, como que um milagre acontece. Ou cremos nos milagres registrados no Livro Santo ou não.

No que se refere a essa aparição, porém, duas afirmações podemos fazer. Primeira, foi o espírito de Moisés que apareceu no Monte da Transfiguração, visto que esse líder do povo de Deus ainda não ressuscitou. Segunda, foi o próprio Deus, soberanamente, quem patrocinou essa aparição, fazendo com que Moisés tivesse contato com Seu Filho amado. Tal milagre, pois, constitui-se numa das provas bíblicas mais incisivas em favor da idéia da sobrevivência consciente da alma ante a morte do corpo.

Entretanto, quando analisamos os dois pontos de vista que rejeitam a aparição, em espírito, de Moisés, constatamos que tanto um quanto outro vergam-se perante as evidências bíblicas em contrário. No primeiro, defendido tanto por (alguns) cristãos autênticos quanto pelas TJ, o argumento de que tudo aquilo que aconteceu teria sido uma “visão” (Mt 17.9) mística dos discípulos de Jesus não se sustenta. Uma análise mais minuciosa das informações logo comprovou que os eventos que se sucederam no Monte da Transfiguração foram literais, reais. Moisés compareceu, literalmente, naquele monte, e foi visto pelos olhos naturais, físicos de Pedro, Tiago e João.

No segundo ponto de vista, defendido pelos ASD, que repudiam a imortalidade da alma, constatamos que não existe amparo bíblico para a “teoria da ressurreição de Moisés”. Em primeiro lugar, essa idéia conduz a uma blasfêmia gravíssima, pois transforma Jesus, Deus Criador, no arcanjo Miguel, um ser criado. Em segundo lugar, a Bíblia jamais declara que Moisés voltou dentre os mortos, tampouco que seu corpo não viu a corrupção. Ao contrário do que diz a antibíblica, obscura e bizarra “teoria da ressurreição de Moisés”, as Escrituras declaram, abertamente, que o cadáver desse grande servo de Deus jaz, até hoje, numa sepultura de localização desconhecida, “na terra de Moabe” (Dt 34.6), aguardando o dia da ressurreição dos justos. Isso, sim, é ensinado claramente na Bíblia. Dos bilhões de seres humanos que já desceram à

sepultura, só existe um que venceu, de uma vez por todas, a morte, e seu nome é Jesus, o Filho de Deus, o Cristo!

Paulo Sérgio de Araújo